

## REFLEXOS DAS METODOLOGIAS ATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM ESTUDO DE CASO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE TEIXEIRA DE FREITAS-BA

Tiago Pereira de Souza <sup>1</sup>  
Ariosvaldo Alves Gomes <sup>2</sup>

### RESUMO

O trabalho propõe uma discussão teórico-metodológica sobre os reflexos das metodologias ativas no ensino de História nas séries finais do Ensino Fundamental. Essa discussão surge a partir de experiências vivenciadas em uma sala de aula de uma escola pública no município de Teixeira de Freitas, Bahia. Tais experiências foram possíveis graças ao Componente de Estágio Curricular Supervisionado de Observação do curso de Licenciatura em História do Departamento de Educação - DEDC – Campus X, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Trata-se de um estudo de caso, realizado por meio de uma revisão bibliográfica, analisando obras de teóricos renomados como John Dewey (1944), José Moran (2018), Michael Fullan (2009) e Paulo Freire (1970), além de uma análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017. Como ferramenta metodológica, utilizou-se também da pesquisa de campo, que se concretizou pela aplicação de questionários às professoras responsáveis pelo ensino de História na escola investigada. O objetivo do questionário era compreender o entendimento dessas professoras sobre a importância e a aplicação de metodologias pedagógicas alternativas para melhorar o ensino de História. Com a experiência de Estágio e essa pesquisa podemos afirmar que o uso de metodologias ativas nas séries finais do Ensino Fundamental no ensino de História favorece o aprendizado dos alunos, que como foi observado apresentaram melhor desempenho nos conteúdos propostos e estudados, assim como, alcançaram as competências e habilidades necessárias tanto no processo de ensino e aprendizagem quanto na sua formação cidadã.

**Palavras-chave:** Prática docente, Ensino de História, Metodologias Ativas.

### INTRODUÇÃO

Há muito tempo que teóricos como Freire (2009), dentre outros vem enfatizando a importância de suprir as metodologias tradicionais e a educação bancária, voltando o olhar para a aprendizagem do aluno, colocando-o como participante ativo no processo de aprendizagem, ou seja, envolvendo-o nas atividades propostas e dialogando sobre os conteúdos aproximando de suas realidades para que faça sentido estudá-lo.

Mais do que nunca, na atualidade é exigido do professor dinamismo e criatividade, diferente de tempos passados nos quais os professores, de certa forma, necessitavam do autoritarismo no processo de aprendizagem, partindo do pressuposto de que ele é o “detentor do conhecimento”, diferente da realidade que é vivenciada, onde o papel do

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em História no Departamento de Educação – DEDC - Campus X da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, thipereira919@gmail.com

<sup>2</sup> Professor Mestre Orientador, no Departamento de Educação – DEDC – Campus X, da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, aagomes@uneb.br



professor caminha junto com o aluno na construção do conhecimento e no processo de aprendizagem, orientando as atividades propostas individuais ou mesmo em grupos.

Sendo assim, o professor pode ser pensado como um curador do conteúdo a ser trabalhado, a partir do momento em que ele tem percepções da turma importante para o seu planejamento, levando os materiais relevantes, bem como jogos, atividades e leitura que os alunos possivelmente terão maior desempenho e isso será avaliado pelos alunos no decorrer do desenvolvimento das atividades propostas.

Essas discussões ganharam força no Componente Estágio Curricular Supervisionado, do curso de História do Departamento de Educação – Campus X da Universidade do Estado da Bahia - UNEB que visava observar a dinâmica de funcionamento do ensino de História em uma turma das séries finais do ensino fundamental de uma escola pública. E dessa experiência surge essa pesquisa, que se apresenta como uma proposta de analisar o uso das Metodologias Ativas no ensino de História, identificando seus reflexos nas séries finais do ensino fundamental em uma escola pública no município de Teixeira de Freitas, localizada no Extremo Sul da Bahia, trazendo como problematização o seguinte questionamento: De que forma que as Metodologias Ativas podem ser utilizadas no ensino de História nas séries finais do Ensino Fundamental?

Para atingir esse objetivo, essa pesquisa se baseia em teóricos como, John Dewey (1944), José Moran (2018), Micheal Fullan (2009), Paulo Freire (1970), assim como, na análise da Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017) para entender as características do ensino de História no ensino fundamental, focando nos anos finais.

Quanto a relevância dessa pesquisa, pode-se afirmar que refletir sobre as metodologias no ensino de História é fundamental, pois alinhado com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017), um dos importantes objetivos de História no Ensino Fundamental é estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, contudo, para isso é necessário metodologias condizente com esse propósito. Além disso, as discussões aqui levantadas não encerram as reflexões acerca do tema, mas abrem novas possibilidades para outras pesquisas.

Em relação ao ensino da História o historiador Eric Hobsbawm (1998) argumenta a importância do conhecimento histórico, ao considerar que para ser membro da coletividade humana, é preciso situar-se com relação a seu passado, pensando que, este passado é uma dimensão permanente da consciência humana, assim, se torna um



componente imprescindível das instituições, valores e padrões da sociedade. Por isso, os professores precisam ter ciência que tem uma responsabilidade social diante dos alunos, pois são os mediadores que auxiliarão a compreender o mundo que vivem, para que assim possam ajudar a melhorá-lo.

Diante desse contexto, pensando na qualidade do ensino de História e na valorização do indivíduo enquanto um cidadão e pessoa, é necessário que ele alcance competências e habilidades que são trabalhadas em sala de aula, necessários para entender o passado e perceber o presente, como dizia Hannah Arendt (1993) trata-se de um saber lidar com o mundo, fruto de um processo iniciado ao nascer e que só se completa com a morte.

Contudo, fazer a relação do passado e presente se dá a partir de conhecimentos, saberes, referências teóricas que serão capazes de garantir inteligibilidade sobre os conteúdos e objetos Históricos selecionados. Sabemos que um objeto se torna documento quando lhe é atribuído algum sentido, portanto:

O que nos interessa no conhecimento histórico é perceber a forma como os indivíduos construíram, com diferentes linguagens, suas narrações sobre o mundo em que viveram e vivem, suas instituições e organizações sociais. (BNCC, 2017, p. 397).

Nesse sentido, o fazer histórico, não é fazer o documento falar, mas sim, explicitar o seu sentido, através dos critérios e procedimentos necessário. Dentro da sala de aula isso se dá com a colaboração entre o professor e o aluno.

Para se pensar o ensino de História é imprescindível considerar a utilização de diferentes fontes, objetos, tipos de documento e metodologias capazes de auxiliar a compreensão da relação entre o tempo e o espaço, bem como, das relações sociais que o geram.

Assim, é necessário que o professor/historiador saiba como questionar o conteúdo abordado para bem vivenciá-lo na metodologia escolhida junto com os alunos, da mesma forma que, no âmbito escolar saiba utilizar todos os recursos possíveis, para o desenvolvimento do aluno, tal como, do professor.

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017), são necessários alguns processos para estimular o pensamento, como o processo de identificação, que se dá a partir dos questionamentos, os “porquês?”, acerca dos objetos a serem estudados, a comparação, no qual, em História faz ver melhor o outro, a contextualização, que se faz uma tarefa imprescindível para o conhecimento histórico, a interpretação, seja de um texto, de um mito ou mesmo de obras artísticas de todos os gêneros, onde se faz



fundamental para estimular o pensamento crítico e a análise, ainda que complexa, contudo, pressupõe problematizar a própria escrita da História, pensando que apesar dos fundamentos que a sustentam, sempre pode passar algo.

Diante desses processos, que a BNCC julgam necessários para a valorização do indivíduo através da disciplina de História, pode-se observar que para que seja efetivo o conhecimento histórico é necessário a interdisciplinaridade com outros saberes, para garantir a qualidade dos processos e o desenvolvimento do aluno, como por exemplo a interpretação, trabalhada nas disciplinas de língua portuguesa e literatura, ou mesmo a contextualização, bem como se a análise for de territórios, povos, podem ser dialogadas com o componente da Geografia, que garante tal Habilidade. Dessa forma, à garantia dos objetivos no ensino de História que é:

estimular a autonomia de pensamento e a capacidade de reconhecer que os indivíduos agem de acordo com a época e o lugar nos quais vivem, de forma a preservar ou transformar seus hábitos e condutas. (BNCC, 2017. p. 400.)

Todavia, o ensino de História no Ensino fundamental, nos anos Finais está pautado em três procedimentos Básicos, nos quais o aluno que passa por essa fase precisa alcançar, o primeiro está na identificação de eventos, que são considerados importantes, não apenas na História Ocidental, mas aqueles que se fazem presentes nas realidades dos alunos, visando o sentido para o aluno e o objetivo da História entre a relação do presente e o passado.

O segundo procedimento está pautado na percepção ou dimensão espacial e temporal vinculadas a mobilidade das populações, bem como a suas formas de inserção ou mesmo marginalização nas sociedades dos estudantes, e aqui é importante pontuar a valorização das culturas Afro-brasileira e Indígenas, como é previsto na constituição, a partir das Leis nº 10.639/20032 e Lei nº 11.645/20083.

O terceiro procedimento implica na interpretação e reconhecimento do mesmo fenômeno através de duas ou mais pressuposições, no qual o aluno refletirá e avaliará os argumentos apresentados, diante do conteúdo estudado.

## METODOLOGIA

O caminho metodológico dessa pesquisa se deu através da associação da pesquisa qualitativa e quantitativa, isto é, entendendo que a concepção de pesquisa qualitativa e a quantitativa possuem caminhos diferenciados que se entrelaçam e quando associadas ajudam entender melhor o fenômeno estudado, optamos pela perspectiva de uma



metodologia mista (qualitativa e quantitativa). Trata-se de proposta que associa os dois métodos de pesquisa, e que ajuda a entender melhor a complexidade dos fenômenos sociais de uma maneira mais holística (Paranhos *et al*, 2016). A pesquisa qualitativa é frequentemente associada a descrições ricas e detalhadas dos fenômenos sociais, enquanto a pesquisa quantitativa é conhecida por sua ênfase na mensuração e análise estatística.

As estratégias metodológicas envolveram uma revisão bibliográfica, que é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, no qual são revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionado com o tema, como afirma Lakatos e Marconi (1995) bem como foi utilizado a pesquisa de campo, que se utiliza com o objetivo de conseguir informações ou conhecimento sobre o problema, para qual se procura uma resposta, contudo:

não deve ser confundida com a simples coleta de dados (este último corresponde à segunda fase de qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado (Trujillo Ferrari, 1982, p. 229).

Esta pesquisa tem também o viés de um Estudo de Caso, pois possibilita uma exploração aprofundada de como os professores de História de uma escola em especial, desenvolve o seu trabalho. Gil (2002) destaca que estudos de caso são particularmente eficazes para investigações que buscam entender dinâmicas contextuais e particulares de cada localidade, permitindo comparações enriquecedoras. E nesse caso utilizamos de instrumentos de coleta de dados como os questionários que serão aplicados aos professores e aos alunos, com perguntas abertas, explorando a relação/participação do entrevistado com o uso de metodologias ativas e os sentimentos que envolvem essa relação. Gil (2002) ressalta a importância de instrumentos quantitativos para quantificar aspectos da realidade social que podem ser generalizados para outros contextos similares.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

As metodologias ativas são alternativas pedagógicas no qual o foco do processo de ensino e de aprendizagem é voltado para o aprendiz, o aluno, com o intuito de torná-lo um personagem ativo na construção do conhecimento por meio de alternativas que contrapõem a abordagem pedagógica do ensino tradicional, onde o foco é centrado no



professor, pensando que ele é aquele que transmite a informação, colocando o aprendiz como passivo em todo o processo de ensino e de aprendizagem.

A proposta de ensino em que o processo seja menos focado no professor ou mesmo que os alunos fossem mais ativos, tomando lugar de protagonismo, não é novo, na verdade temos grandes nomes como Paulo Freire, John Dewey que no século passado já abordavam a temática e traziam uma proposta. Dewey concebeu e colocou em prática a educação baseada no processo ativo de busca do conhecimento pelo estudante, que deveria exercer sua liberdade. Para Dewey, a educação deveria formar cidadãos competentes e criativos, capazes de gerenciar sua própria liberdade. Sua proposta era a de que a aprendizagem ocorresse pela ação, o learning by doing, ou aprender fazendo, hands-on (Dewey, 1944).

A mais de um século que as metodologias ativas são implementadas nas salas de aula, por vezes não são nem percebidas pelos intermediadores, os professores, principalmente devido aos avanços das tecnologias que são convertidas em ferramentas que auxiliam no processo, pois nos dias atuais boa parte dos alunos tem alguma familiaridade com a tecnologia, seja por sites de buscas, site de vídeos, que podem sim colaborar para que ele tenha uma experiência diferenciada em seu processo de ensino e de aprendizagem, sem perder de vista a qualidade e os objetivos esperados pelo professor, principalmente quando há um bom planejamento por parte do docente.

Atualmente não são todos os alunos que têm uma visão apurada dos seus interesses e do que esperam do seu processo de aprendizagem, contudo, as metodologias ativas possibilitam desafios a todos eles, fazendo com que haja mais interesse nos assuntos abordados e nas propostas que são construídas junto com o professor. Paulo Freire já afirmava que, o que os impulsiona no ensino é justamente a superação de desafios, a resolução de problemas e a oportunidade de construir novos conhecimentos (Freire, 1970).

Dessa forma, as metodologias ativas criam situações de aprendizagem nas quais os alunos têm a liberdade de criar coisas, pensar, conceituar o que fazem, assim, tendo uma maior imersão sobre os conhecimentos propostos pelo professor a partir da temática que está sendo estudada, nesse contexto o autor José Moran vem dizer que:

É importante misturar técnicas, estratégias, recursos, aplicativos. Misturar e diversificar. Surpreender os alunos, mudar a rotina. Deixar os processos menos previsíveis para os alunos. (Moran, 2018, p.7).



Nesse sentido, as tecnologias podem ajudar bastante. Mas precisamos considerar que o perfil das escolas mudou, bem como o perfil dos estudantes e até mesmo dos professores. As estruturas de muitas escolas agora contam com recursos e tecnologias que outrora não eram ofertados, como projeções para uso de aulas expositivas, a *Smart TV*, salas refrigeradas com ar-condicionado, dentre outras tecnologias que visam melhorar a experiência e a qualidade do processo de ensino e aprendizagem do aluno. Segundo o censo Escolar 2020, divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em 29 de janeiro:

Com a necessidade da implementação de iniciativas baseadas em tecnologia para minimizar os impactos negativos nos processos de ensino e aprendizagem, as aulas a distância, a conexão por internet, o uso de computadores e a oferta de equipamentos tecnológicos em geral passaram a ser ainda mais urgentes. (INEP, 2021).

Pensando que de acordo o aluno avança na sua trajetória escolar, possa contar com mais recursos para auxiliarem, entretanto, é importante pontuar que, não é uma realidade de todas as instituições de ensino a oferta de equipamentos digitais que possam auxiliarem as aulas e os alunos.

Com isso, pensando os recursos disponibilizados para as escolas, aqui especificamente no âmbito do ensino fundamental, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) salienta que:

Quando se trata do ensino fundamental, a rede escolar dos municípios, maior ofertante também nessa etapa de ensino, é a que tem a menor capacidade tecnológica. Nesse caso, 9,9% das escolas possuem lousa digital, 54,4% têm projetor multimídia, 38,3% dispõem de computador de mesa, 23,8% contam com computadores portáteis, 52,0% possuem internet banda larga e 23,8% oferecem internet para uso dos estudantes. (INEP, 2021).

Assim, através das pesquisas do INEP, percebe-se que mesmo com a tecnologia ser urgente para o setor de educação, a rede que mais oferta a modalidade de ensino fundamental é a mesma que tem a menor capacidade tecnológica, pensando que hoje os adolescentes estão cada vez mais imersos na tecnologia, assim como os professores que utilizam até mesmo para auxiliarem nas atividades.

Nesse contexto, as metodologias ativas possibilitam um processo equilibrado, pois utiliza das tecnologias para colocar o aluno como produtor de conhecimento junto ao professor, personagem ativo que a partir dos seus interesses, curiosidade e demandas auxiliam o professor no desenvolvimento das atividades propostas.

Dentre as diversas metodologias ativas utilizadas na escola podemos citar a “Aprendizagem personalizada ou personalização”, cuja abordagem é mais específica nos



ritmos e necessidades do aluno, ou seja, é uma forma mais direta ou indireta que busca traçar as estratégias de apoio que possam se destinar a atender às necessidades de aprendizagem, bem como, aos interesses e mesmo as subjetividades do aluno.

Entre os autores que enfatizam o engajamento do aluno, a partir de uma formação mais global, citamos Fullan, que define a aprendizagem personalizada sendo aquela que:

[...] envolve a criação de experiências de aprendizagem que engajam todos e cada aluno em aprendizagem significativa que se conecte às suas necessidades específicas no contexto do que eles precisarão para serem cidadãos eficazes em um mundo diverso e desafiador. (Fullan, 2009, p. 1).

O autor salienta que existem três princípios considerados fundamentais e caracterizados de design no qual precisam ser atendidos: “servir ao propósito moral de atender aos requisitos de aprendizagem de cada um e todos os alunos; atingir larga escala, sendo viável – eficiente e eficaz – para todo o sistema; e produzir resultados educacionais que sejam valiosos tanto para o aluno quanto para a sociedade.” (Fullan, 2009, p. 1).

No entanto, Fullan como outros pesquisadores, salientam que é preciso cautela para que não seja confundido a aprendizagem personalizada com o ensino ou introdução personalizada (Fullan, 2009). Uma outra metodologia ativa muito utilizada é a “Sala de aula Invertida”, que foge da ideia mantida pelo ensino tradicional, que considera que a sala de aula serve para que o professor seja o transmissor de informações para o aluno, e que, após a aula, o aluno deve estudar o tema abordado e realizar alguma avaliação, cuja intenção é mostrar que aquele assunto foi assimilado. A Sala de aula Invertida, tem o intuito trabalhar as dificuldades dos alunos, em vez de fazer apresentações sobre o conteúdo da disciplina (EDUCAUSE, 2012, p. 2).

Com isso, a abordagem de sala de aula invertida, possibilita ao aluno que ele estude previamente o conteúdo proposto, e a aula se torna um lugar de aprendizagem ativa, no qual há perguntas, discussões e atividades práticas.

O professor antes das aulas pode verificar as questões mais problemáticas, e que devem ter maior atenção na sala de aula, contudo, ele pode fazer uma introdução apresentando brevemente o material, intercalando com atividades práticas utilizando questões para discussões ou atividades no caderno utilizando lápis e caneta. Os dois personagens, o professor e o aluno, podem fazer uso de TDIC (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) para a elaboração simulações animadas, visualizar conceitos e realizar experimentos individualmente ou em grupos.

A abordagem de sala de aula invertida tem sido implantada em universidades no mundo todo como a Harvard University e o Massachusetts Institute of Technology (MIT),



mostrando a efetividade da abordagem. Outra metodologia ativa utilizada na escola é a Aprendizagem baseadas em projetos, nos quais o foco está em tarefas e desafios,

[...] para resolver um problema ou desenvolver um projeto que também tenha ligação com sua vida fora da sala de aula. No processo, eles lidam com questões interdisciplinares, tomam decisões e agem sozinhos e em equipe. Por meio dos projetos, são trabalhadas também suas habilidades de pensamento crítico, criativo e a percepção de que existem várias maneiras para a realização de uma tarefa, tidas como competências necessárias para o século XXI. (Moran, 2018, p.10).

Dessa forma os alunos, passam a ser avaliados de acordo com o desempenho durante e na entrega dos projetos. Essa abordagem adota princípios com base na aprendizagem colaborativa, baseado no trabalho coletivo, com isso os problemas são extraídos da realidade dos alunos dentro de sua comunidade, dessa forma, identificando os problemas e as soluções para resolvê-lo.

Existem formas variadas de se implementar a metodologia de Projetos, e podem variar de curta duração, entre uma semana até duas semanas, que podem ser restritos as salas de aula ou mesmo projetos mais complexos e que podem demandar a colaboração interdisciplinar. Entre os exemplos de projetos são:

(a) Exercício projeto, quando o projeto é aplicado no âmbito de uma única disciplina; (b) Componente projeto, quando o projeto é desenvolvido de modo independente das disciplinas, apresentando-se como uma atividade acadêmica não articulada com nenhuma disciplina específica; (c) Abordagem projeto, quando o projeto apresenta-se como uma atividade interdisciplinar, ou seja, como elo entre duas ou mais disciplinas; e (d) Currículo projeto, quando não mais é possível identificar uma estrutura formada por disciplinas, pois todas elas se dissolvem e seus conteúdos passam a estar a serviço do projeto e vice-versa. (Moran, 2018, p. 11).

Ainda existem outras classificações de aprendizagem por Projetos além das citadas, contudo, as citadas acima, são os principais modelos utilizados, de modo geral, os mais efetivos.

Por fim, é importante salientar que mesmo diante de um documento normativo, que orienta a estrutura curricular básica e que orienta o conjunto que compõem as estruturas de aprendizagem, o processo de aprendizagem só se efetivará ou garantirá resultado a partir da construção coletiva em sala de aula, junto ao professor e os colegas, bem como, com a metodologia que será utilizada, pois auxiliará todos os alunos a chegarem nos objetivos esperados, o cidadão crítico (com critérios de pensamento, fundamentos), dinâmico, autônomo, consciente, político, pronto para viver o mundo ou pelo menos parte das adversidades que nos são colocadas no dia a dia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



Atualmente são perceptíveis as mudanças no sistema de ensino, principalmente no que diz respeito ao ensino na rede pública, exigindo uma mudança do currículo na tentativa de que tenha efetividade, tanto na participação dos professores, quanto das atividades aplicadas, bem como a reestruturação do espaço e tempos da escola. Essa realidade foi perceptível na experiência vivenciada através do Estágio Curricular Supervisionado de Observação, quando pude vivenciar melhor a interação dos alunos com os assuntos propostos e trabalhados pela professora com metodologias pedagógicas alternativas.

Nessa experiência vivida na realidade escolar é evidente também o fato de que novas tecnologias fazem parte das realidades, tanto dos alunos, bem como, professores. Normalmente as mídias digitais, aparelhos tecnológicos, como o smartphone por exemplo, na realidade observada foi apontado pelas professoras de Histórias, a necessidade de recursos e infraestruturas para o bom desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. O que se torna um desafio para o professor, pois lhe exige inteligência e versatilidade para aproveitar o espaço escolar e dinamizar as aulas junto aos alunos, aproveitando dos recursos disponíveis e das metodologias ativas para auxiliar o desempenho dos alunos na sala de aula, buscando todas as habilidades que o aluno tem para oferecer, ciente que as metodologias escolhidas são tão importantes quanto os conteúdos a serem trabalhados, pois influenciarão diretamente na aprendizagem dos alunos, como foi apontado pelas professoras, na pesquisa realizada.

Nesse sentido, consideramos que, sozinhos temos muito potencial para alcançar aquilo que buscamos, contudo, podemos ir muito além quando caminhamos em conjunto, essa conexão é importante seja no contexto da aprendizagem pessoal, seja no contexto da aprendizagem coletiva, pois a partir da conexão do coletivo, frutos são alcançados, pensando que são diferentes perspectivas de vida, realidade, saberes que agregam valores as atividades em conjunto, fazendo que haja um avanço maior, mais produtividade, conhecimento, quando se caminha em coletivo.

Vale ressaltar que, tal parceria combinadas de forma equilibrada geram resultados positivos, pois é criada uma afinidade entre aluno e professor, importante para que o professor possa traçar metodologias que sejam efetivas para a aprendizagem dos alunos, como por exemplo conhecer o perfil de aprendizagem de cada aluno, ou mesmo da turma, isso faz com que o professor possa elaborar e avaliar junto com os alunos a melhor linguagem, bem como os materiais didáticos e audiovisuais, escritos, que otimizará o



resultado e a manutenção dos objetivos propostos para a turma, além de alcançar os principais objetivos no ensino de História, como, gerar mais autonomia e criticidade na aprendizagem do aluno.

Na experiência vivenciada foi possível perceber também que, quando há o diálogo e a escuta dos alunos acerca de suas impressões e sentido a respeito das temáticas propostas, os alunos se sentiam mais à vontade ou mesmo mais seguros para enfrentar os desafios que as atividades traziam, assim, realizá-las com maior produtividade e fluidez. Outro dado importante, apontado pelas professoras, que das metodologias que as mesmas tinham conhecimento, a mais utilizada em suas práticas docentes é a aprendizagem personalizada, que no contexto da escola avaliada, é a que tem maior efetividade e interação com os alunos.

É importante pontuar que se esperamos proatividades dos alunos no seu processo de aprendizagem, torna-se necessário que sejam adotadas metodologias em que os alunos possam se envolver, tomar decisões e avaliar os resultados, da mesma forma que as metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos, bem como é preciso que os alunos experimentem todas as possibilidades para dar vazão as suas criatividade.

Dessa forma, o professor se torna um parceiro do aluno em sua jornada escolar, quando se entende que a aprendizagem é uma construção colaborativa entre o aluno e o professor, a partir das trocas de experiências e saberes adquiridos pelos alunos em sua jornada de vida e o conhecimento ofertado pelo professor a partir do seu processo de aprendizado na graduação.

Por fim, é possível concluir que o uso das metodologias ativas no processo de ensino e aprendizagem, nas series finais do ensino fundamental geram reflexos positivos, maior aproveitamento dos saberes dos alunos e engajamento em todas os assuntos e as atividades propostas, superando a apatia dos alunos pela matéria escolar, da mesma maneira que, quebra com a monotonia do fazer docente, efetivando assim, os objetivos que são propostos para essa modalidade de ensino e também na disciplina de História.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Integração currículo e tecnologias e a produção de narrativas digitais. In: Currículo sem Fronteiras, v. 12, n. 3, p. 57-82, Set/Dez 2012. Disponível em: [http://www.hrenatoh.net/curso/designtec/artigo\\_valente\\_narrativas\\_digitais.pdf](http://www.hrenatoh.net/curso/designtec/artigo_valente_narrativas_digitais.pdf) Acesso: 10 de julho de 2025.



ARENDT, Hannah. A dignidade da política: ensaios e conferências. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Ensino Fundamental. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Pesquisa revela dados sobre tecnologias nas escolas. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/centrais-de-conteudo/noticias/censo-escolar/pesquisa-revela-dados-sobre-tecnologias-nas-escolas>. Acesso em 14 de julho de 2025.

DEWEY, J. Democracy and education. New York: The Free Press, 1944.

EDUCAUSE. 7 Things you should know about flipped classrooms. 2012. Disponível em: <https://library.educase.edu/-/media/files/library/2012/2/eli7081-pdf.pdf> Acesso em: 11 de julho de 2025.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. Pedagogia da Esperança. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.

FULLAN, M. Michael Fullan. Response to MS 3 questions about personalized learning. 2009. Disponível em: [http://michaelfullan.ca/wp-content/uploads/2016/06/Untitled\\_Document\\_16.pdf](http://michaelfullan.ca/wp-content/uploads/2016/06/Untitled_Document_16.pdf) Acesso: 11 de julho de 2025.

GIL, Antônio C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

HOBBSAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LAKATOS. Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. Metodologia científica. 2. ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1995. 2018.

MORAN, José. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. São Paulo, Disponível em: [https://moran.eca.usp.br/wpcontent/uploads/2013/12/metodologias\\_moran1.pdf](https://moran.eca.usp.br/wpcontent/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf) Acesso em: 9 de junho de 2025.

PARANHOS, Ranulfo; FILHO, Daldon B Figueiredo; ROCHA, Enivaldo C; JUNIOR, José A. da Silva; FREITAS, Diego. Uma introdução aos métodos mistos. Revista Sociologias, Porto Alegre, ano 18, nº 42, mai/ago, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/868/86846760014.pdf> . Acesso em 20/10/2024.

TRUJILLO FERRARI, Alfonso. Metodologia da pesquisa científica. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

VALENTE, J. A. A sala de aula invertida e a possibilidade do ensino personalizado: Uma experiência com a graduação em midialogia. In: Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

